

# Espaço público

Muita asneira que para aí circula poderia ser evitada lendo um pouco mais sobre História

## A nova luta de classes

**H**á dias, no programa *Prós e Contras*, um conselheiro de “empreendedorismo” teorizava, de forma prosélita e desenhada, sobre as más escolhas de “projecto de vida” que justificariam muito do desemprego actual. Era evidente pela conversa, que achava que existia uma espécie de culpa individual em se estar desempregado. Pelo meio, perguntou, com evidente escárnio, a um desempregado se este tinha tirado um curso de História, uma imprevidência para quem quer ter um emprego. Não tenho dúvida de que quem formulava esta pergunta fazia parte de um dos lados do novo binómio da luta de classes descrito por Passos Coelho, o dos “descomplexados competitivos”. O curso de História, se tivesse feito parte do currículo do desempregado, colocá-lo-ia de imediato na categoria de “preguiçoso autocentrado”, antiquado e inútil, “piegas” e queixoso, a quem é preciso dar um abanão de pobreza a ver se se torna “competitivo”. Estamos, como já referi, perante uma nova forma de luta de classes: a que opõe “descomplexados competitivos” a “preguiçosos autocentrados”. Pelos vistos, uma característica destes últimos é que se interessam por História.

É verdade que saber História vale muito pouco no mercado de trabalho, mas também é verdade que saber Matemática pura, Física Teórica, Astronomia, Biologia Molecular, já para não falar de Filosofia, Sociologia, Geografia, Grego Clássico e Latim, Literatura Portuguesa, também não valem muito mais. E, *by the way*, os milhares de licenciados em Marketing, Economia, Jornalismo, ou como se diz agora “Ciências de Comunicação”, Artes Performativas, Arquitectura, Composição, os pianistas, violoncelistas, violinistas, também não vão muito longe. Seguindo o critério do nosso mago do “empreendedorismo”, não é muito difícil, e no meu caso gratuito, aconselhar cursos seguros e certos. Eu costumo aconselhar maltês, uma língua de que há enorme escassez de tradutores e intérpretes na UE, e o turco, russo, chinês e árabe também podem fazer parte do currículo dos candidatos a “descomplexados competitivos”. Mandarim ou cantonês de certeza que têm futuro, assim como “beber a água do Bengo”, na exacta composição químico-financeira corrente para esses lados.

Saber de História não é garantia de nada, nem o reconhecimento da História garante que se saiba governar um país. Mas ajuda, ajuda pelo menos a ter-se uma visão menos cega da nossa missão no governo das coisas privadas e públicas, e a conhecer alguma coisa sobre os limites do voluntarismo político. E ajuda bastante a não se ser ignorante, nem a se actuar como um ignorante quando se pensa que tudo começa em nós, essa ilusão adâmica muito corrente nestes dias.

A História ajuda nas coisas grandes e nas pequenas, torna o mundo mais interessante e alimenta a curiosidade e o engenho. Para gostar de comer um *croissant* não é preciso olhar para ele com os olhos da História e perceber que se está a comer um acto muito pouco politicamente correcto de turcofobia, ou, pior, de islamofobia. Mas quem sabe o que é e de onde vem o *croissant*, costuma saber um pouco mais sobre a História da Europa e isso faz bem à sanidade do debate público. Muita asneira que para aí circula sobre os feriados e o seu significado, sobre a Maçonaria, sobre o comunismo, sobre o fascismo, sobre a democracia, poderia ser evitada lendo um pouco mais sobre História.

**A** História, como todas as formas de cultura viva, é uma forma de saber e olhar. Engana e ilude muito, mas também modera a tendência para a vã glória. Se é que a História nos ensina alguma coisa, é que poucas coisas são realmente importantes e que 99,99% dos casos o que fazemos pouco muda, ou não muda nada. Para os governantes, é obrigatório, para se enxergarem melhor, uma actividade que normalmente não lhes “assiste”. Países como o Reino Unido, ou os EUA, têm a História no centro da política, o que nem sempre dá bons resultados, como



**José Pacheco Pereira**



RICARDO SILVA

*Estamos perante uma nova forma de luta de classes:*

*a que opõe*

*“descomplexados competitivos”*

*a “preguiçosos autocentrados”.*

*Pelos vistos, uma característica destes*

*últimos é que se*

*interessam*

*por História*

se vê em França, onde todos os Presidentes do passado achavam que eram uma encarnação de Vercingétorix, Joana d'Arc, Luís XIV, Napoleão ou De Gaulle e os actuais já ficam contentes em serem como o Astérix.

O discurso de Odelvas do primeiro-ministro ganhava alguma coisa com a História, embora, como ele se encontra na categoria dos “descomplexados competitivos”, não ligue muito a uma disciplina dos perdedores. Mas assim saberia que, antes de nomear os “preguiçosos autocentrados” como seus adversários, deveria pensar duas vezes sobre o papel que o epíteto de “preguiçosos” tem quando é usado genericamente para designar grupos ou comportamentos sociais. Para os colonos, os “pretos” eram a quinta-essência dos “preguiçosos” e por isso deviam ser obrigados a trabalhar à força de castigos corporais. Puxem pela língua a muitos patrões e aos seus capatazes (hoje chamam-se “responsáveis pelo pessoal”), às “patroas” sobre as suas “criadas”, e o epíteto de “preguiçoso” aparece quase de imediato. Em países em que coexistem zonas industrializadas com regiões rurais, os habitantes dessas regiões, o Alentejo, a Galiza, a Andaluzia, o Sul de Itália, são descritos em anedotas como “preguiçosos”. Nos campos trabalha-se muito, dependendo do ciclo agrícola, e há períodos de inactividade, onde, como toda a gente sabe das anedotas, os alentejanos estão debaixo de um “chaparro” a ver o mundo passar em *slow motion*.

Existe, aliás, outra classificação que costuma vir junto, a de associar essa ruralidade à falta de inteligência e dificuldade em socializar de forma adequada, ou seja, não só eram estúpidos, limitados, como não sabiam comer à mesa. É para isso que servem os epítetos de “saloios” ou de “labregos”, a interessante migração da palavra galega para camponês, que veio junto nos anos trinta e quarenta do século XX com os galegos, que a miséria da sua terra trouxe para trabalhar em mercearias e restaurantes, ou outros ofícios menores, em Lisboa e no Porto. O problema da História é este, o de tornar poucas palavras inocentes.

**N**a luta de classes entre os “descomplexados competitivos” e os “preguiçosos autocentrados”, a ordem dos pares é interessante, quer na parte social, quer na do psicologismo vulgar. Os “preguiçosos” são primeiro preguiçosos e só depois são “autocentrados”, e os “competitivos” são primeiro “descomplexados” e é por isso que são “competitivos”. Os pares têm, por isso, uma ordem invertida: nos “preguiçosos”, avulta a condição social, nos “descomplexados”, a psicologia domina. Embora provavelmente nada disto tenha sido muito pensado e saiu assim, como poderia ter saído de outra maneira semelhante, este dualismo revela aquilo que os sociólogos chamam as *background assumptions* do seu autor. Os que estão presos na sua condição social, deixam soçobrar a sua psicologia no egoísmo; os dinâmicos psicologistas ultrapassam a sua condição social pelo êxito no mercado.

O país divide-se assim entre funcionários públicos, vivendo do erário público, acima das suas posses, e fazendo tudo para ter feriados e não trabalhar (os “preguiçosos”), cultivando um egoísmo social assente em pretensos “direitos adquiridos” (“autocentrados”); e jovens *yuppies*, dinâmicos e empreendedores, com uma “cultura empresarial”, capazes de correrem riscos (“competitivos”), sem cuidarem de terem “direitos” para subirem “por mérito” na escala social (“descomplexados”). Nem uns nem outros existem na vida real, nem sequer como caricaturas, que é o que isto é, mas isso pouco importa.

A História está cheia destes dualismos, velhos como o tempo, mas típicos da linguagem abastardada do poder dos nossos dias. É um esquema assente numa mistura de demonização e de *wishful thinking*, que circula assente num moralismo social, também típico dos dias que passamos. A História revela o poder destrutivo deste tipo de discursos, que se tornam, de um momento para o outro, socialmente insuportáveis.

Esse momento ainda não se deu, e os papagaios do “pensamento único” repetem este discurso sem pararem para pensar. Ou sequer para ler alguma coisa de História, mesmo com o risco de se tornarem “preguiçosos autocentrados”. *Historiador*

*José Pacheco Pereira escreve neste espaço ao sábado*